

A PRODUÇÃO DO TEXTO ORAL SOB O OLHAR DA *RESPONSIVIDADE*

Profa. Dra. Cláudia Vivien Carvalho de Oliveira Soaresⁱ (UESB)
Mestranda Valdineia Antunes Alves Ramosⁱⁱ (UESB)

RESUMO:

A proposta de trabalho defendida neste texto pretende refletir sobre o tratamento dos gêneros orais para o ensino e aprendizagem de língua portuguesa, a partir de uma análise crítico-reflexivo do gênero entrevista em um livro didático do Ensino Fundamental II. O trabalho fundamenta-se na concepção dialógica à luz dos estudos de Bakhtin (2003; 2006) e seu círculo, que concebe a linguagem como constitutiva da ação humana, da subjetividade e das relações sociais. Para o autor, as produções verbais de qualquer tipo são dialógicas por princípio, envolvem uma réplica, implicam sempre um outro, constituem-se em um material essencialmente interativo. O estudo também se constitui com base em uma releitura dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), sobre o ensino do gênero oral, e em Dolz & Schneuwly (2004), que por meio de estratégias didáticas buscam proporcionar uma melhor compreensão do papel e função de um determinado gênero, em uma situação comunicativa específica, dos gêneros, enquanto *mega-instrumentos* que mediam e dão forma a materialização de uma atividade de linguagem. Considerando que as práticas de ensino do gênero entrevista realizam-se prioritariamente em situação escolar, a reflexão a que o trabalho se propõe a fazer poderá dinamizar as propostas de atividades concretas de produção de textos orais e escritos, nos contextos de ensino e aprendizagem, bem como potencializar a proposta de atividade de produção do texto oral, subsidiada pelo material didático do ensino fundamental, buscando construir reflexões e estratégias para o uso e o ensino dos gêneros orais formais por meio da compreensão responsiva ativa, pelo dialogismo, que emergem como “ferramentas” úteis à compreensão textual.

Palavras-chave: Gênero Discursivo, Entrevista Oral, Compreensão Responsiva.

1 Introdução

O presente artigo trata das atividades que subjazem a produção do gênero *entrevista* apresentadas no livro didático *Português: Linguagens*, do sétimo ano do Ensino Fundamental, (CEREJA e MAGALHÃES, 2012). Tem-se por objetivo analisar e discutir algumas atividades propostas, bem como fomentar novas proposições e direcionamentos a essas atividades a partir da atitude *responsiva*, defendida pelos estudos de Bakhtin e seu círculo (2003; 2006).

Para tanto, o trabalho está organizado da seguinte forma: primeiro recuperamos alguns conceitos fundamentais de Bakhtin e o Círculo (2003; 2006), como gêneros do discurso¹, dialogismo e responsividade. Em seguida, discutimos as atividades propostas no livro didático supracitado.

¹ Neste estudo, estamos adotando a teoria dos gêneros discursivos que tem como foco de investigação as situações de produção dos textos em seus aspectos sociais e ideológicos. Há outra vertente, denominada gêneros textuais, que, embora se fundamente na teoria de Bakhtin, privilegia a descrição da materialidade linguística (cf. Rojo, 2005).

A escolha dessa obra deve-se ao fato de ter sido selecionada pelo *Guia de Livros Didáticos – PNLD/2011* (BRASIL, 2010), uma publicação do Ministério da Educação com o objetivo de colaborar para que as escolas e os professores promovam uma escolha qualificada do Livro Didático de Língua Portuguesa, (doravante LDP). As práticas de ensino do gênero oral entrevista realizam-se prioritariamente em situação escolar, por isso o interesse do estudo nesse objeto de aprendizagem e nessa etapa de ensino.

Ao buscar trazer para o centro das discussões o gênero *entrevista oral*, pretende-se construir algumas reflexões a partir das características interativas desse gênero, da posição responsiva suscitada pela relação que nele se estabelece, situando a linguagem como constitutiva da ação humana, da subjetividade e das relações sociais. Nosso aporte teórico fundamenta-se, principalmente, nos estudos de Bakhtin (2003) sobre os gêneros discursivos; dialoga com Dolz & Schneuwly (2004) sobre a importância do trabalho com os gêneros orais na escola; com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para o Ensino Fundamental, no que se refere ao trabalho com gênero oral, bem como referencia autores, como Rojo (2005) que busca o ensino de língua por meio dos gêneros.

O estudo fundamenta-se numa perspectiva discursivo-dialógica da linguagem que coloca em cena uma língua viva, que está em movimento, inacabada, que acontece no diálogo, na relação com o outro.

2 Gêneros Discursivos no ensino: reflexões a partir de uma perspectiva dialógica

As proposições bakhtinianas concernentes ao estudo da linguagem têm trazido contribuições importantes para uma abordagem dialógica do estudo da língua(gem) no contexto escolar, isto é, uma abordagem que considera o conceito de gêneros do discurso, do sujeito, que se constitui na língua e pela língua, e, na linguagem construída na interação social.

A noção de dialogismo é o conceito-chave nos fundamentos filosóficos de Mikhail Bakhtin e o Círculo (2006). Nessa perspectiva, todo dizer consiste em uma réplica a outros dizeres, e a interação, de maneira mais ampla, é vista como lugar de produção de sentido, como lugar de manifestação e de produção das relações sociais. A concepção de Bakhtin extrapola a ideia de interação que se resume à presença física dos interlocutores, ampliando a dialogia não apenas a um outro, mas à própria vida:

A natureza dialógica da consciência, a natureza dialógica da própria vida humana. O diálogo incluso é a única forma adequada de expressão verbal de uma vida humana autêntica, a vida é dialógica pela sua natureza. Viver significa participar de um diálogo: significa interrogar, ouvir, responder, estar de acordo, etc. O homem participa neste diálogo todo e com toda sua vida: com olhos, lábios, mãos, alma, espírito, com todo o corpo, com seus atos. O homem se entrega todo à palavra e esta palavra forma parte do tecido dialógico da vida humana, do simpósio universal (BAKHTIN *apud* LAPLANE, 2000, p.63).

Portanto, para Bakhtin toda compreensão é dialógica por natureza e estabelece um diálogo que não se restringe ao ato de pergunta e resposta entre pessoas, esse é apenas um aspecto do diálogo; na concepção do círculo, a realidade dialoga entre si. E essa relação dialógica é complexa, abrangente e heterogênea.

Para Bakhtin (2003) os gêneros discursivos são tipos relativamente estáveis de enunciados, podem ser caracterizados pelo conteúdo temático, por sua forma composicional e por seu estilo. Sem eles, segundo o autor, seria impossível a comunicação verbal.

A ação de falar realiza-se com a ajuda de um gênero, que é um instrumento para agir linguisticamente. É um instrumento semiótico, constituído por signos organizados de maneira regular [...] Eis por que às vezes, o chamamos “megainstrumento”, para dizer que se trata de um conjunto articulado de instrumentos [...] que permite realizar uma ação numa situação particular. (DOLZ e SCHNEUWLY, 2004, p. 143).

Assim, os autores acima ressaltam que aprender a falar é apropriar-se dos instrumentos para serem utilizados em situações de linguagem diversas, isto é, apropriar-se dos gêneros. As práticas escolarizadas da linguagem que têm os gêneros do discurso como objeto de ensino, têm a possibilidade de ancorar um novo diálogo que inclua as noções de interação verbal e dialogismo. Segundo Rodrigues (2005, p. 153) as ideias de Bakhtin e do Círculo têm impulsionado as discussões teóricas e os desenvolvimentos pedagógicos na área de ensino de línguas a partir de meados da década de 80. As concepções bakhtinianas vão ao encontro das discussões teóricas da área, mesmo que o foco central de atenção do Círculo não tenha sido o ensino/aprendizagem de línguas. Apesar disso, há em seus textos considerações a respeito da temática que surpreendem pela contemporaneidade, ao questionar, por exemplo, o ensino de língua a partir da língua como sistema.

Como já exposto acima, os gêneros discursivos contemplam todo tipo de processos interacionais, e em função da esfera de comunicação em que circulam e de seu grau de complexidade podem ser considerados primários ou secundários.²

Para efeito deste trabalho faremos uma apresentação dos gêneros orais formais, gêneros secundários, enquanto práticas de linguagem, que ocorrem essencialmente em situação escolar (DOLZ e SCHNEUWLY, 2004), permitindo aos alunos conscientizarem-se de objetivos relativos à produção e à compreensão.

2.1 Gêneros orais formais públicos na escola, por que (não) ensiná-los?

Os gêneros orais formais e públicos, então, gêneros secundários, são típicos de algumas esferas de comunicação públicas e mais complexas, como a esfera acadêmica, religiosa, empresarial e jornalística, conforme Silva e Morie-de-Angelis (2003).

A discussão da importância do trabalho com gêneros orais na sala de aula da escola pública possibilita a construção de um espaço democrático que visa à formação de sujeitos reflexivos e críticos, socialmente engajados e transformadores da realidade social.

No que concerne às práticas de Linguagem, sua apropriação começa no quadro familiar, mas certas práticas, em particular aquelas que dizem respeito à escrita e ao oral formal, realizam-se essencialmente em situação escolar, na nossa sociedade, graças ao ensino, por meio do qual os alunos conscientizam-se dos objetivos relativos à produção e à compreensão (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 38).

É esse o desafio no ensino/aprendizagem dos gêneros orais formais. Os alunos geralmente dominam bem as formas cotidianas de produção oral. O papel da escola é possibilitar que os alunos ultrapassem as formas de produção oral cotidianas para confrontá-los com outras formas mais institucionais, como por exemplo, conto oral, debate, entrevista jornalística, conferência etc.,

² Os gêneros primários são mais ligados às esferas sociais cotidianas, às formas de diálogo e situações de interação face a face; os gêneros secundários são ligados a outras esferas, públicas e mais complexas, muitas vezes a interação ocorre por meio da escrita.

possibilitando uma percepção de que o grau de formalidade é fortemente dependente do lugar social de comunicação, das exigências das instituições nas quais os gêneros se realizam (rádio, televisão, universidade etc.).

Os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCNs) elaborados pelo MEC afirmam que:

[...] é praticamente consensual que as práticas devem partir do uso possível aos alunos para permitir a conquista de novas habilidades linguísticas [...] considerando os diferentes níveis de conhecimento prévio, cabe à escola promover sua ampliação de forma que, progressivamente, durante os oito anos do ensino fundamental, cada aluno se torne capaz de interpretar diferentes textos que circulam socialmente, de assumir a palavra e, como cidadão, de produzir textos eficazes nas mais variadas situações (BRASIL, 1998, p.18-19).

Entretanto, um estudo pautado nesses gêneros ainda carece de propostas didáticas para ensiná-los. Os PCNs trazem pontos muito pertinentes para a realização de um trabalho consistente e coerente com os gêneros do discurso, entretanto, ainda há poucos trabalhos, como o de Dolz e Schneuwly (2004) sob a perspectiva vygotskiana/bakhtiniana que se preocupam com a elaboração de propostas didáticas para o ensino de alguns gêneros orais formais e públicos, como o seminário, o debate, a entrevista, entre outros.

Uma coisa é certa, o trabalho com a linguagem oral deve ser realizado, sobretudo, por meio dos gêneros discursivos:

Ensinar língua oral não significa trabalhar a capacidade de falar em geral. Significa desenvolver o domínio dos gêneros que apoiam a aprendizagem escolar de Língua Portuguesa e de outras áreas (exposição, relatório de experiência, entrevista, debate etc.) e, também, os gêneros da vida pública no sentido mais amplo do termo (debate, teatro, palestra, entrevista etc.) (BRASIL, 1998, p. 67-68).

Além do que já foi mencionado a respeito da importância do ensino dos gêneros orais, vale ressaltar que, os PCNs reforçam a necessidade de desenvolvimento de atividades que possibilitem a efetivação de diferentes usos da língua; não somente no que tange as diversas formas de expressão, mas também, as diversas possibilidades de produção em diferentes contextos:

Cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral nas diversas situações comunicativas, especialmente nas mais formais: planejamento e realização de entrevistas, debates, seminários, diálogos com autoridades, dramatizações, etc. Trata-se de propor situações didáticas nas quais essas atividades façam sentido de fato, pois seria descabido “treinar” o uso mais formal da fala. A aprendizagem de procedimentos eficazes tanto de fala como de escuta, em contextos mais formais, dificilmente ocorrerá se a escola não tomar para si a tarefa de promovê-la (BRASIL, 1998, p.25).

Não trabalhar os gêneros discursivos orais na sala de aula pode causar alguns problemas na formação do sujeito. Problemas que podem ser de ordem linguística e social. Os de natureza linguística correspondem à falta de habilidade dos alunos em expor suas opiniões e pontos de vista. Eles não conseguem utilizar a linguagem para argumentar em seu favor, defender ou refutar ideias, tampouco para simplesmente fazer sugestões (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004). O segundo problema, de natureza social, está inserido na situação acima descrita: se os alunos não conseguem organizar sua fala para argumentar, expor, opinar e sugerir, conseqüentemente, não conseguem participar efetivamente de determinadas práticas sociais, pois não conhecem outra variedade oral da língua que não a coloquial. Nesse sentido, a compreensão responsiva (BAKHTIN/VOLOCHÍNOVI, 2006; BAKHTIN, 2003) configura-se como um conceito importante no que diz respeito à passividade ou

à atividade do aluno nas práticas com o gênero oral, tanto em contextos escolares como sociais de maneira geral.

3 Atitude responsiva ativa: um conceito caro

Nos limites deste artigo, sem o propósito de dar conta de todas as reflexões produzidas sobre a *responsividade*, procuramos abordar a noção de *responsividade* para o estudo da linguagem, advinda dos estudos de Bakhtin e seu círculo.

A *responsividade*, também denominada *atitude responsiva ativa* ou *atitude responsiva*, está expressa de forma esparsa no livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006) em vários momentos quando se trata da compreensão, como quando afirma que esta é passível de engendrar cedo ou tarde uma réplica.

O conceito de *responsabilidade* está estreitamente ligado ao conceito de linguagem. Em *Estética da Criação Verbal* (BAKHTIN, 2003) no texto “Arte e responsabilidade” encontra-se a primeira referência a esse conceito. Esse conceito está atrelado a um enunciado que é direcionado ao outro que guarda uma atitude responsiva. A *responsividade* não pode ser tratada de modo simplificado, envolve questões mais complexas que podem ser abstraídas do texto integral de Bakhtin.

No ensaio sobre gêneros discursivos que compõem a coletânea da *Estética da Criação Verbal*, Bakhtin (2003), conceitua o enunciado como um elo na cadeia discursiva e evidencia que o diálogo só se completa na resposta do outro. Nesse ensaio, encontramos direcionamentos bastante pertinentes em relação à atitude responsiva.

Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenda de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante (BAKHTIN, 2003, p.271).

Para o autor, a alternância entre falante e ouvinte como sujeitos do discurso não se realiza de modo passivo, ambos são ativos no processo discursivo. A resposta pode se realizar não apenas verbalmente, mas por ações e também pode não ser imediata: “cedo ou tarde, o que foi ouvido e ativamente entendido responde nos discursos subsequentes ou no comportamento do ouvinte” (BAKHTIN, 2003, p.272).

Nas práticas escolares, especificamente no ensino/aprendizagem de línguas a não reposta, a resposta inadequada ou a compreensão não esperada podem indicar para as instâncias de poder, que regulam essas práticas, como uma atitude inadequada, “errada”, mas para Bakhtin, existe sempre uma tomada de posição ativa fruto dessas respostas.

O ouvinte adota para com o discurso, uma Atitude Responsiva Ativa: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar e esta atitude do ouvinte está em elaboração constante durante todo o processo de audição (BAKHTIN, 2003, p.291).

O ouvinte, como parceiro do locutor, assume uma *posição responsiva ativa*, ele também corresponde a um protagonista real na comunicação verbal, ao contrário do ouvinte passivo que se configura na linguística geral de Saussure.

Dessa forma, a *atitude responsiva* tornou-se um conceito caro, imprescindível para se analisar a interação estabelecida no gênero entrevista oral, sendo a interação, aqui compreendida, como fator

constitutivo da linguagem, que devolve ao interlocutor a condição de participante ativo da atividade comunicativa.

4 O gênero *entrevista oral* sob o olhar da *responsividade*.

Conforme já mencionado, tomou-se como objeto de análise a atividade com o gênero *entrevista oral* do livro didático da coleção *Português: Linguagens*, dos autores CEREJA e MAGALHÃES (2012) a partir do viés da *atitude responsiva*. Este livro faz parte do Guia de livros didáticos – PNLD/ 2011 (BRASIL, 2010), último guia dos anos finais do Ensino Fundamental.³ Cada livro é composto por quatro unidades temáticas, divididas em três capítulos. As unidades são finalizadas, na seção Intervalo, com um projeto que articula leitura, produção escrita e oralidade, tendo em vista produtos como jornal, mostras, exposições, cartazes, cartilhas (BRASIL, 2010). O livro, a que o presente trabalho se refere, pertence ao 7º ano e apresenta o gênero entrevista oral na seção “Produção de texto” (p. 201). Antes da apresentação da entrevista, há uma breve introdução sobre o gênero em questão:

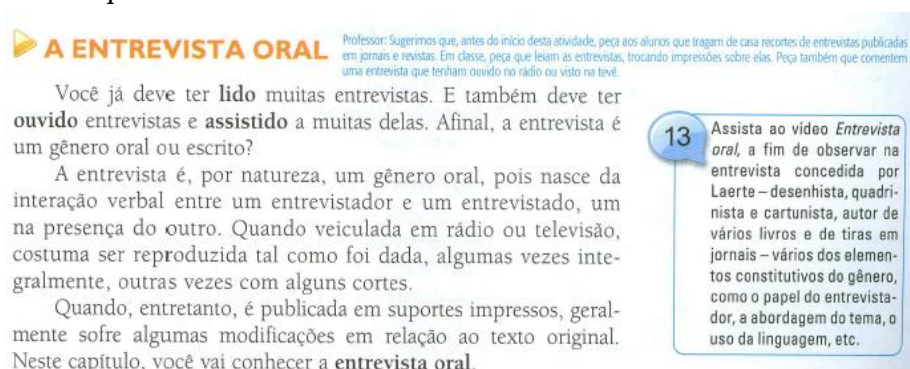


Figura 1 – Produção de Texto - Coleção *Português: Linguagens*. 7º Ano. P. 201.

Já no início do texto acima, os autores Cereja e Magalhães (2012), deixam em destaque as palavras “lido”, “ouvido” e “assistido” desenvolvendo uma apresentação do gênero entrevista de forma dialogada, “*Você já deve ter...*”, despertando nos possíveis interlocutores, alunos e professores, uma atitude responsiva, chamando a atenção para o fato de que a entrevista não se restringe ao contexto escolar, sua prática se desenvolve em outras esferas de comunicação, faz parte de outras práticas sociais, como telejornais, consulta médica, seleção a vaga de emprego etc. Nessa interação é possível, por meio da atitude responsiva dos alunos, descobrir o interlocutor pretendido do gênero em questão, pois o interlocutor condiciona a interação verbal, orienta a ação do locutor, a escolha da linguagem, bem como, também, a carga informativa no processo de interlocução. Assim, diante dessa posição do Livro Didático de Português (LDP), o professor deve assumir, perante o material, uma posição ativa e criativa, proporcionando momentos de interação que favoreça as diferentes visões, construindo outras que melhor atendam as especificidades do contexto em que atua.

O livro, como se percebe no trecho acima, evidencia a entrevista como um gênero discursivo, enfatizando sua caracterização, mesmo que de forma breve. A escolha desse gênero considera a utilização das mais variadas competências linguísticas, entre elas a intercomunicação oral, reprodução de discurso de terceiros, transcrição de falas e ainda habilidade de argumentação. Na proposta de trabalho com o gênero entrevista, os autores apontam para o caráter interacionista, a natureza do gênero, e sua relação estrita com a escrita.

No box ao lado do texto, percebemos um apelo para que o professor possibilite aos alunos

³ Tomamos como base este livro didático porque foi muito utilizado, nas aulas de Língua Portuguesa, em escolas da região, onde a pesquisa em Gêneros Oraís do Mestrado em Letras será realizada.

assistirem ao vídeo *entrevista oral* (que na sequência do livro vem transcrita) para que os mesmos possam reconhecer os vários elementos constitutivos do gênero, desde os mais simples gesto de aceitação ou não, o uso da linguagem, a esfera comunicativa, a abordagem do tema, etc.

Sendo este, um gênero oral, é importante que seja feito um trabalho que tenha como ponto inicial a análise de gravações, para que por meio delas o estudante tenha a possibilidade de se posicionar diante da audição e visualização de um texto real. É preciso que os alunos compreendam que, no gênero entrevista, simultaneamente, os interlocutores desempenham cada um o seu papel de enunciadorees em uma prática de linguagem, dentro de um ambiente discursivo. Cabe ao professor a profundidade dos questionamentos, da atitude responsiva, considerando, sobretudo, a faixa etária dos alunos envolvidos, nessa proposta de atividade.

Como abertura da seção *Produção de Texto* (p.201), propõe-se a leitura de uma entrevista oral transcrita, ainda com as marcas de oralidade, conforme se verifica abaixo:

Leia um trecho da entrevista de Laerte:

Entrevistador: Pra começar nosso bate-papo, acho que vou fazer uma pergunta que todo mundo que gosta do seu trabalho quer fazer, né? Como foi que você se tornou um criador de histórias em quadrinhos? Você sempre gostou de desenhar?

Laerte: Eu sempre gostei de desenhar, eu sempre desenhei; como toda criança, eu sempre desenhei. Quer dizer, todo mundo desenha. O... O... A diferença é que, para algumas pessoas, como eu, o desenho se tornou um... uma parte importante no modo de se expressar. No modo de expressar sentimentos, ideias e de... de refletir o que o mundo propõe, quer dizer, pra mim o desenho sempre foi uma linguagem a serviço de... daquilo que eu gostava. Eu gostava de um filme, gostava de um livro, gostava de uma cena ou de uma coisa que eu tinha visto na televisão ou numa rua, e o desenho era... é um meio privilegiado para eu... ahn... trabalhar esses sentimentos, essas ideias, né? E é... é um meio privilegiado mesmo porque só depende da gente. A gente consegue fazer uma coi... uma obra bastante complexa, sozinho, sabe? É uma coisa que poucas... poucas... poucas mídias (risos) oferecem, né?

Entrevistador: E pra criar essas personagens? Você... como você faz pra inventar uma história nova? A Suriá, por exemplo, você se inspirou em alguma menina que você conhece, alguém da sua família? Como é que você criou a Suriá?

Laerte: Bom, a gente sempre se inspira... em... em... em detalhes da vida... Suriá, por exemplo, Suriá é o nome de uma sobrinha... mesmo, de quem eu gosto muito, mas ela não é o núcleo da personagem. Nessa mesma época, ahn... a minha filha tava com uma idade também de 6, 7 anos e... e... e eu também, observando ela, como ela era uma menininha que... moderna (risos), também usei pra... pra construir a personagem, mas a Suriá foi encomendada pela editora da... da *Folhinha* naquela época, a Mônica, e eu fiz... Fiz assim... Procurei pensar numa personagem que fosse boa pras crianças ler, lerem e... e que tivesse a ver com o que eu gosto também, né? Eu gosto de circo... gosto de... então eu pensei numa garotinha, filha de circenses e... e... e... que tem uns tios que são os palhaços, e que tem uns amigos que são os bichos, tal... e eu comecei a fazer as histórias da Suriá (risos).



Figura 2 – Parte do trecho da entrevista - Coleção *Português: Linguagens*. 7º Ano. P. 202.

Baltar (2004, p. 135) faz uma breve descrição do gênero entrevista: “gênero jornalístico que se caracteriza por sua estruturação dialogal, com perguntas e respostas, precedidas por um texto explicativo de abertura. O discurso predominante é interativo, com sequências dialogais e expositiva.”. Dessa forma, ao apresentar o gênero entrevista, o *LDP* evidencia as características do gênero, para que, posteriormente, por meio da compreensão ativa, o aluno possa apreender o gênero em questão.

Bakhtin (2003) afirma que é sob a influência do destinatário e de sua presumida resposta que o locutor seleciona todos os recursos linguísticos de que necessita. Para o autor, todo texto é essencialmente dialógico. Assim, “cada réplica, por mais breve e fragmentária que seja, possui um acabamento específico que expressa a *posição do locutor*, sendo possível responder, sendo possível tomar, com relação a essa réplica, uma *posição responsiva*” (BAKHTIN *apud* MARCHEZAN, 2005, p.116).

Como se vê na entrevista acima, tanto Laerte (desenhista, cartunista, o entrevistado) quanto o entrevistador assumem a *posição do locutor* dentro do enunciado, os interlocutores assumem uma *atitude de responsividade*. Há uma alternância entre falante e ouvinte como sujeitos do discurso, ambos ativos no processo discursivo.

Percebe-se no trecho da entrevista que na própria pergunta inicial há uma atitude responsiva do locutor diante da própria pergunta, apresentando levemente um caráter explicativo: “[...] acho que vou fazer uma pergunta que todo mundo que gosta de seu trabalho gostaria de fazer...” O entrevistador já inicia abrandando a pergunta, colocando-se no lugar de alguém que gosta do trabalho do entrevistado, mostrando curiosidade e interesse em relação ao trabalho do outro. Quando a palavra é inserida em um projeto discursivo o sujeito fala pelo gênero “o que eu quero dizer deve ser dito, considerando-se os interlocutores e os contextos de circulação específicos” (STELLA, *apud* BRAIT, 2013, p.181).

Nessa entrevista, o entrevistador é a própria coleção, o entrevistado cedeu essa entrevista especialmente para o livro. A entrevista com um cartunista, desenhista, alguém importante na criação das histórias em quadrinhos, levou em consideração o interlocutor (alunos do sétimo ano) e o contexto de circulação, a escola. O tema está diretamente relacionado com o perfil do entrevistado e o uso de marcadores conversacionais, repetições, como “né”, utilizados tanto pelo entrevistado quanto pelo entrevistador, denotam as marcas da oralidade, típicas da dinâmica de um texto oral, que permanecem no processo de transcrição.

Esse gênero apresenta características interativas, já que se mostra em forma de diálogo, pergunta/resposta, com o objetivo de divulgar fatos e ideias de um dos participantes, na maioria das vezes, de pessoas públicas. O entrevistador, quem direciona a entrevista, restringe as possibilidades argumentativas do entrevistado, também deixa opiniões nas perguntas ou nos comentários que realiza, tal como acontece no trecho “A Suria, por exemplo, você se inspirou em alguma menina que você conhece, alguém da sua família?” As escolhas não são imparciais, “neutras”, evidenciam certas opiniões do entrevistador (do livro) e corroboram com o veículo em que a entrevista é publicada, e isso deve ser dialogicizado nas atividade de leitura e produção do gênero em questão.

O livro trouxe algumas perguntas/atividades tendo como referencial a entrevista e, em seguida, propôs aos alunos uma produção de uma *entrevista oral*, a partir de alguns temas que posteriormente serão abordados no projeto da unidade. O que nos interessa agora é mostrar a perspectiva da avaliação dessa proposta.

Reúna-se com seus colegas de grupo para, juntos, produzirem uma entrevista oral. Depois de pronta, ela deverá ser exibida aos colegas da classe e posteriormente publicada no jornal mural que o grupo montará no capítulo **Intervalo** desta unidade. Portanto, será lida também por colegas de outras classes, por professores e funcionários da escola, por seus pais e amigos.

Preparando a entrevista



Avaliem a entrevista oral

Observem se a entrevista apresenta um bom ritmo de perguntas e respostas; se o entrevistador mostra-se simpático e revela ter conhecimento sobre a pessoa entrevistada ou sobre o assunto abordado; se as perguntas são claras; se a linguagem do entrevistador é adequada ao perfil do entrevistado; se o entrevistador conseguiu formular novas perguntas a partir das respostas dadas; se a entrevista é agradável de ouvir e se contém revelações interessantes para o público.

Figura 3 – Proposta de avaliação da produção textual- Coleção *Português: Linguagens*. 7º Ano. P. 205.

Como se vê, um trabalho com o gênero entrevista pode ser realizado a partir da análise de gravações de entrevistas, com sua posterior transcrição; observando, os componentes situacionais que interferem diretamente no grau de formalismo; retextualizando a entrevista transcrita como forma de publicá-la em um jornal, *jornal mural* ou revista; produzindo uma nova entrevista, levando em conta as marcas conversacionais do gênero e o aprofundamento da estrutura do par pergunta-resposta. Na parte da avaliação: “*Avaliem a entrevista oral*”, percebemos algumas atitudes responsivas que o estudante deve ter diante da produção da entrevista, desempenhando o papel de um sujeito ativo e crítico que diante da palavra do outro, avalia, questiona, aprecia, influi, etc.

Um trabalho nessa perspectiva, não deve se prender a mera localização de informações, sugere uma leitura e compreensão do texto como réplica, de palavra que só pode ser explicada e entendida a partir das situações concretas em que se realiza; ela apresenta duas faces (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006), tanto procede de alguém, como se dirige para alguém, ou seja, requer uma atitude responsiva. A avaliação da entrevista sugerida pelo LDP pode abrir caminho para a construção de uma atitude responsiva ativa, diante do gênero entrevista oral.

Conclusão

Levando-se em consideração os aspectos mencionados, pautados numa perspectiva discursiva, tratar da categoria da *responsividade* como uma forma de analisar o gênero *entrevista* implica não só a análise do objeto, mas também as respostas das pesquisadoras num movimento de aproximação

e distanciamento que passam a considerar a *atitude responsiva* como parte constitutiva de todo e qualquer enunciado, que em sua essência possuem tons valorativos decorrentes da relação entre os (inter) locutores.

As atividades da unidade analisada são consideradas pertinentes porque possibilitam ao aluno ter acesso ao gênero discursivo entrevista e podem suscitar valiosas reflexões em sala de aula. Alguns pontos abordados, de acordo com o enfoque bakhtiniano, despertam no aluno a réplica ativa.

É importante frisar que a entrevista oral ao ser transcrita para o livro didático não recupera a situação sociocomunicativa do gênero oral entrevista, uma vez que os aspectos que incidem na diferença entre a modalidade oral/escrita, as marcas da oralidade como a linguagem corporal, como gestos, interrupção e retomada de pensamentos, que também compõem o perfil do entrevistado, dificilmente constituirão e revelarão a interatividade do texto oral. Conforme Bakhtin e Volochinov (2006) a significação não se encontra estagnada na palavra do falante nem do interlocutor, ela resulta da interação. Ou seja, a significação é construída nesse processo de interação, em uma relação dialógica, leitor, texto, autor.

Foi possível perceber que um trabalho voltado para o ensino de língua materna, que se constitui com base nos gêneros discursivo e sob o olhar da *responsividade*, possibilita uma caracterização das especificidades linguísticas e dos saberes práticos implicados nas práticas de linguagem, e perceber que respostas podem suscitar e que implicações valorativas podem ser captadas a partir da proposta comunicativa do enunciador.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, M /VOLOCHÍNOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*, (Prefácio de Roman Jakobson, Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira). 12. ed., São Paulo: Hucitec, 2006.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BALTAR, M. *Competência discursiva e gêneros textuais: uma experiência com o jornal de sala de aula*. Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino fundamental 3º e 4º ciclos: Língua Portuguesa*, Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. *Guia de Livros Didáticos – PNLD/2011: Língua Portuguesa*. Ministério da Educação, Brasília: MEC, 2010.

CEREJA, W. R; MAGALHÃES, T. C. *Português: linguagens*. (7º Ano) 7. ed. São Paulo: Saraiva, 2012.

LAPLANE, A. F. de. *Interação e silêncio na sala de aula*. Ijuí: Editora Unijuí, 2000.

MARCHEZAN, R. C. Diálogo. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: outros conceitos –chave*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2014.

RODRIGUES, R. H. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, José Luiz; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (orgs.) *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

ROJO, R. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: Meurer, J. L.; Bonini, A.; motta-Roth, D. (Orgs.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005.

SCHNEUWLY, B. & DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução e organização Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2004.

SILVA, P. E. M. da.; MORI-DE-ANGELIS, C. C. Livros didáticos de língua portuguesa (5ª a 8ª séries): perspectivas sobre o ensino da linguagem oral. In: ROJO, Roxane; BATISTA, Antônio Augusto Gomes (Orgs.). *Livro Didático de Língua Portuguesa, Letramento e Cultura da Escrita*. São Paulo: Mercado de Letras, 2003.

STELLA, P. R. Palavra. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2013.

ⁱ Cláudia Vivien Carvalho de Oliveira Soares. Profa. Dra. em Letras. Professora do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários –DELL. Também é Professora do programa de pós-graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens, em nível de Mestrado Acadêmico, ambos na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, *Campus* de Vitória da Conquista. E-mail: claudiavivien@uol.com.br

ⁱⁱ Valdinéia Antunes Alves Ramos. Mestranda em Letras: Cultura, Educação e Linguagens, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, *Campus* de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. E-mail: valdineiaantunes@hotmail.com